

DOIS EXERCÍCIOS DE ETIMOLOGIA TUPÍ: 'ESPOSA' E 'BOCA'

Aryon D. Rodrigues
Universidade de Brasília

- **RESUMO:** Neste artigo são apresentados dois estudos de etimologia no âmbito da família lingüística Tupi-Guarani. O primeiro incide sobre as palavras para designar 'esposa'. O termo específico que pode ser reconstruído para a língua ancestral da família, o Proto-Tupi-Guarani, só ocorre livremente em duas línguas e, nas demais, só se acha cristalizado em palavras compostas. Nestas línguas foi substituído por termos descritivos da relação conjugal, mas encarada esta de diversos pontos de vista. O segundo estudo trata de um morfema para 'boca' que em todas as línguas da família só aparece em palavras compostas, como nas que designam 'lábio' ('pele da boca') e 'saliva' ('líquido da boca'), mas para o qual se encontram morfemas cognatos fora da família Tupi-Guarani, em outras famílias do tronco lingüístico Tupi, nas quais também ocorrem compostos descritivos do mesmo tipo para exprimir conceitos como 'lábio' e 'saliva'. Finalmente, mostra-se que situação análoga, inclusive com um morfema possivelmente cognato para 'boca', é encontrada na língua Kaingáng da família Jê.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Etimologia; Lingüística Histórica; Tupi-Guarani.*
- **ABSTRACT:** *The paper presents two etymological studies in the realm of the Tupi-Guarani family of languages. The first of them is on the words for 'wife'. The specific word that can be reconstructed for the ancestral language Proto-Tupi-Guarani occurs freely only in two languages, whereas in the others it is found only as a crystallized constituent of compounds; in such languages it was replaced by descriptive words referring to the conjugal relationship from several points of view. The second study handles with a morpheme for 'mouth', which in all languages of the family appears only in compound words such as those for 'lip' ('mouth skin') and 'saliva' ('mouth liquid'), but for which cognate morphemes are found outside of the Tupi-Guarani family, in other families of the Tupi linguistic stock, where there are descriptive compounds of the same kind for concepts such as 'lip' and 'saliva'. Finally, it is shown that an analogous situation, with a possible cognate of the Tupi-Guarani morpheme for 'mouth', is found in Kaingáng, a language of the Jê family.*
- **KEY WORDS:** *Etymology; Historical Linguistics; Tupi-Guarani.*

1 LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E ETIMOLOGIA

A lingüística histórica ou diacrônica tem uma importante contribuição a dar para o conhecimento das línguas e dos povos da América do Sul. A metodologia da lingüística histórica permite-nos obter informações sobre estágios passados de cada língua e sobre certos elementos da respectiva cultura, assim como sobre a história comum de um conjunto de línguas aparentadas, sobre os modos como essas divergiram entre si, sobre as migrações dos povos que as falaram nos séculos passados e sobre os contactos entre estes e outros povos num passado mais recente ou mais remoto.

A observação de alguns fatos fonológicos, gramaticais ou lexicais numa língua podem levar-nos a reconhecer que, num estágio anterior de desenvolvimento, esses fenômenos eram mais ou menos diferentes do que eles são ou foram no momento da observação. O estudo histórico-comparativo dos elementos lexicais, ou seja, a investigação etimológica, embora em geral aplicada a pequenas frações das línguas, freqüentemente revela fatos lingüísticos e culturais da história e da pré-história dos povos.

1.1 'ESPOSA' EM TUPINAMBÁ

Tomemos um exemplo lexical do Tupinambá, língua Tupí-Guaraní falada ao longo da costa brasileira nos séculos XVI e XVII. Nesta língua o conceito de 'esposa' era dado pelo tema *-emirekó* (Vocabulário... 1952/1953, Araújo, 1618, fl. 116). A análise de outros termos de parentesco revela, entretanto, que o Tupinambá tinha outro morfema para o mesmo significado 'esposa', como pode ser depreendido das palavras seguintes (Vocabulário... 1952, 1953 *passim*, Araújo, 1618, fl. 114v-116v).

1. *ír* 'sobrinho ou primo cruzado do homem'

2. *íratí* 'cunhada do homem, esposa de seu sobrinho ou primo cruzado'
3. *memír* 'filho/filha da mulher'
4. *memíratí* 'nora da mulher'
5. *péŋ* 'sobrinho cruzado da mulher'
6. *péŋatí* 'esposa do sobrinho cruzado da mulher'
7. *-apír* 'filho do homem'
8. *-apíratí* 'nora do homem'
9. *-ibír* 'irmão mais moço do homem'
10. *-ibíratí* 'cunhada do homem, esposa de seu irmão mais moço'
11. *-ikepír* 'irmão mais velho do homem'
12. *-ikepíratí* 'cunhada do homem, esposa de seu irmão mais velho'
13. *-úb* 'pai'
14. *-atúúb* 'sogro do homem'

Vê-se claramente que cada palavra com número par na relação acima é formada da palavra com número ímpar imediatamente anterior. De 2 a 12 houve a adição do morfema *-atí*, ao qual só se pode atribuir o significado de 'esposa'. A ordem das construções genitivas em Tupinambá é GN (genitivo precedendo o núcleo do sintagma) e essa ordem é observada em todos os compostos acima: 'do-sobrinho esposa', etc. Em 14 a tradução 'sogro do homem' significa o mesmo que 'pai da esposa', de modo que o primeiro componente da palavra Tupinambá, *-atú*, deve querer dizer 'esposa'; é claro que se trata do mesmo *-atí* com a última vogal assimilada à vogal inicial do morfema seguinte.

Quanto ao tema *-emirekó* 'esposa', observamos que é quase idêntico a *-emierekó* 'o/a que se faz estar/viver consigo', palavra derivada do verbo *-ekó* 'estar em movimento, viver' por meio do prefixo causativo-comitativo *er(o)-* (*-erekó* 'fazer alguém ou algo estar em movimento/viver consigo') e do prefixo *-emi-* 'objeto de uma ação em relação ao respectivo agente' (*-emi-er-ekó* 'objeto da ação de fazer alguém viver consigo'). A conclusão a tirar-se daí é que *-emirekó* é uma variante, ligeiramente abreviada na pronúncia, de *-emierekó* com o significado especializado de 'esposa'. É uma palavra descritiva que em certo momento na história da língua Tupinambá substituiu o termo primário de parentesco *-atĩ* 'esposa'. Este saiu do uso geral, tendo ficado restrito aos compostos acima enumerados.

A informação assim obtida sobre o passado do Tupinambá é: (a) o conceito 'esposa' era antes expresso pelo tema simples *-atĩ*; (b) em certo momento da história, tornou-se comum aplicar às esposas a expressão descritiva *-emierekó* 'a que alguém faz estar consigo'; (c) *-emierekó*, reduzida a *-emirekó*, acabou, com o correr do tempo, substituindo *-atĩ*, exceto nos compostos para parentes afins.

2 'ESPOSA' NA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

Este fragmento de informação ou conhecimento adquirido sobre a história do Tupinambá pode agora ser expandido ou aprofundado se procedermos a um estudo comparativo que tome em consideração outras línguas da mesma família a que pertence aquela língua, a família Tupí-Guaraní. A maioria das línguas desta família (há cerca de quarenta) apresenta a mesma palavra descritiva *-emirekó* ou variantes dela como seu termo comum

para 'esposa', como se pode ver na seguinte amostra: Guaraní Mbyá *-emirekó* (Dooley, 1982), Kamayurá *-emirikó* (Saelzer, 1976), Kayabí *-mirikó* (Dobson, 1973), Asuriní do Xingu *-emiriká* (Irmãzinha Edith, 1987), Tembé *-emirekó* (Boudin, 1966), Chiriguano *-embiréko* (Dietrich, 1986). O Parintintín tem também a palavra *-emirekó*, mas nesta língua ela significa tanto 'esposa' como 'marido' (Betts, 1981). Dessa amostra podemos inferir que o uso da expressão *emirekó* para a esposa não foi uma invenção recente em determinada língua, mas que se originou há bastante tempo na (pré-)história das línguas Tupí-Guaraní, de modo que pôde participar de pelo menos algumas das migrações que separaram os povos que falam diferentes línguas da família, ou senão pôde propagar-se de língua a língua.

Entretanto, a palavra *-emirekó* e o modo particular de encarar a esposa que ela expressa não são universais na família Tupí-Guaraní. Algumas línguas desta família usam expressões análogas, mas independentes. Em Xetá, língua de um povo de caçadores e coletores nômades, a esposa é chamada pelo nome *miráta*, cuja base é o verbo *-áta* 'andar, caminhar' (em vez do *-ekó* 'estar em movimento' do Tupinambá e de outras línguas) e cujo significado é, portanto, 'a que alguém faz andar consigo' (Rodrigues, 1978b). Em Wayampí a palavra para 'esposa' é derivada do verbo *-éko* (= Tupinambá *-ekó*) 'estar em movimento', mas, em vez da construção ativa do Tupinambá e de outras línguas, é uma construção passiva: *-erékwa* (Olson, 1978) ou *-elékwa* (Grenand, 1989), um derivado do causativo-comitativo *-eréko* 'fazer estar consigo' (= Tupinambá *-erekó*) com *-a*, sufixo para a formação de nomes de agentes. A construção significa literalmente 'a que faz a gente estar consigo'. A língua Ka'apór tem para a esposa uma palavra com forma bastante diferente, mas que é igualmente descritiva da relação conjugal:

akehár, constituída por *-aké* ‘perto de, ao lado de’ e o sufixo nominalizador agentivo *-hár* e significando, portanto, ‘a que fica ao lado de’.

Embora diferentes, as palavras Xetá e Wayampí para ‘esposa’ têm muito em comum com *-emirekó* do Tupinambá e outras línguas. Elas representam basicamente a mesma maneira de descrever a relação conjugal, ainda que o caso do Tupinambá (e outras línguas), no qual o homem é o elemento ativo (é o que faz a mulher viver ou andar com ele), seja o oposto do caso do Wayampí, no qual o homem é o elemento passivo (a mulher é que o faz viver com ela). Esta oposição é interessantemente neutralizada em Parintintín, uma língua na qual o mesmo termo *-emirekó* (vide acima) é usado reciprocamente por ambos os sexos.

Há, entretanto, outras línguas da família Tupí-Guaraní cujos falantes, compartilhando ou não o mesmo modo de ver a relação conjugal, não passaram a usar sistematicamente nenhuma expressão descritiva em lugar da antiga palavra simples para ‘esposa’. Esse é o caso do Tapirapé e do Asuriní do Tocantins, línguas que têm em comum entre si várias outras particularidades, que as distinguem na família. Para ‘esposa’ o Tapirapé tem *-ãtĩ* (Almeida et al., 1983) e o Asuriní do Tocantins tem *-atĩa* (Nicholson, 1982). Uma peculiaridade do Asuriní do Tocantins, que o distingue não só da maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, mas também do Tapirapé, é a ocorrência do sufixo do caso argumentativo *-a* com todos os nomes (exceto os terminados nas vogais *e* e *a*), enquanto que em outras línguas em que esse sufixo existe ele só ocorre nos nomes terminados em consoante. O tema da palavra do Asuriní do Tocantins para ‘esposa’ é, portanto, *-atĩ*, o mesmo que foi identificado nos termos para parentes afins do Tupinambá. Em Tapirapé o tema é também o mesmo, apenas com uma particularidade fonológica típica desta língua: nela a vogal *a* das línguas aparentadas manifesta-se siste-

maticamente nasalizada, de modo que para o Tupinambá *aβá* ‘pessoa’ o Tapirapé tem *ãwã*, para *tatú* ‘tatu’ ele tem *tãtó*, etc.; para *-atĩ* ‘esposa’ ele tem naturalmente *-ãtĩ*.

A retenção do antigo tema *-atĩ* como o termo comum para ‘esposa’ em Tapirapé e Asuriní do Tocantins indica que a substituição deste tema pelo derivado *-emirekó*, embora bastante antiga para ter sido incorporada num grande número de línguas, não é tão antiga quanto o início do desmembramento da família Tupí-Guaraní ou, em outras palavras, não é tão antiga quanto um estado lingüístico relativamente homogêneo a que se dá o nome, como se costuma fazer em lingüística histórica, de língua Proto-Tupí-Guaraní.

3 COMPARANDO NO ÂMBITO DE UM TRONCO LINGÜÍSTICO

Vê-se que a comparação no âmbito de uma família lingüística nos dá informação histórica mais rica e mais precisa que a comparação de diferentes formas no interior de uma mesma língua. No caso das línguas da família Tupí-Guaraní as comparações podem ser levadas mais longe ainda, com um ganho maior de profundidade temporal para a reconstrução histórica, pois essa família integra um conjunto mais amplo, cujos membros são outras famílias lingüísticas e a que damos o nome de tronco lingüístico Tupí (Rodrigues, 1958, 1964, 1970, 1986). Essa situação é comparável à que se obtém quando se passa da comparação das línguas românicas para a das línguas indo-européias. Por exemplo, a história da forma da palavra portuguesa *chegar* está associada à das formas cognatas, isto é, com a mesma origem, nas demais línguas românicas, oriundas do Latim ou, em termos mais técnicos, do Proto-Romance (equivalente aproximado do Proto-Tupí-Guaraní) *plīcāre* ‘dobrar’: Espanhol *llegar* ‘chegar’ (senti-

do, como o do Português, originado no dobrar das velas dos barcos ao chegar ao porto), Italiano *piegare* 'dobrar', Francês *plier* 'dobrar', Romeno *plecă* 'partir' (significado provavelmente decorrente de 'dobrar as barracas ao levantar acampamento'), etc. O tema *plica-* da palavra latina para 'dobrar', com seus mais de 2.000 anos de história documentada, compara-se, juntamente com o tema *plect-* da palavra para 'entrelaçar', com temas de línguas de outras famílias dentro do tronco lingüístico Indo-europeu, revelando ter com os mesmos uma origem comum que remonta a um tempo muito mais antigo (estimado pelos indo-europeístas em cerca de 5.000 anos): Grego *plēk-*, Sânscrito *praś-*, Eslavo Antigo *ples-* e Germânico **flekt-*, Alemão *flex-* (*flechten*), todos significando 'trançar', todos derivados de uma forma que em Indo-Europeu deve ter sido **plek-* (ao *p-* do Latim, do Grego, etc., corresponde regularmente *f-* nas línguas germânicas: cf. Latim *pater* 'pai' e Alemão *fa:ter* (*Vater*), Latim *piscis* 'peixe' e Alemão *fiś* (*Fisch*), Latim *pellis* 'pele' e Alemão *fel* (*Fell*), etc.).

4 'BOCA' NO TRONCO TUPÍ

Para exemplificar no âmbito do tronco lingüístico Tupí vamos examinar as palavras para 'boca'. Todas as línguas conhecidas da família Tupí-Guaraní apresentam para esse conceito o tema que pode ser reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní sob a forma **jurú:* Tupinambá *jurú*, Mbyá *dzurú*, Tapirapé *tśoró*, Asuriní do Tocantins *tśoróa*, Tembé *zurú*, Asuriní do Xingu *zoró*, Wayampí *júru*, etc. Esse morfema faz parte, portanto, do patrimônio lexical comum às diferentes línguas da família e tem naturalmente, pelo menos, a mesma antigüidade atribuível ao Proto-Tupí-Guaraní (estimada entre 1.500 e 2.000 anos).

A observação de alguns elementos lexicais relacionados com a boca leva, como no caso da esposa, à depreensão de um outro morfema, no qual deve ser reconhecido o mesmo significa-

do 'boca'. Consideremos primeiro a palavra do Tupinambá (T) *-enĩ* 'saliva', que interpretamos como composta de **én* 'boca' e T *-ĩ* 'líqüido', logo 'líqüido da boca'. Analogamente, a palavra T *-emé* 'lábio inferior' pode ser interpretada como constituída de **-én* 'boca' e *pé*, que, embora signifique 'casca' em Tupinambá e nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, em outras línguas do tronco lingüístico Tupí, de que essa família é parte, significa 'pele', como é o caso do Mawé e do Tuparí *pe* e do Karitiána *pa*, significando 'pele', além de 'casca'. Assim, *-emé* é uma antiga palavra composta, que significava 'pele da boca'. A mudança morfofonêmica (i. é, mudança dos fonemas na combinação de morfemas) que se vê em **-én + pé* → *-emé* é normal e obedece à regra $N_1 + C_2 \rightarrow N_2$ (em que N é uma consoante nasal, C uma consoante oral e os índices numéricos indicam pontos de articulação); cf. T *ján* 'correr' + *páβ* 'todos' → *jámáβ* 'correrem todos', *ján* + *katú* 'bom' → *jáñatú* 'correr bem'. Quanto ao significado, há várias línguas indígenas sul-americanas em que o lábio é atualmente chamado 'pele da boca', como, p. ex., o Mundurukú, da família do mesmo nome, *bi see* 'lábio' (*bi* 'boca', *see* 'pele') (Strömer, 1932), o Kaingáng, da família Jê, *jāntkĩ* *φər* 'lábio' (*jāntkĩ* 'boca' e *φər* 'pele', cf. 5, abaixo) (Wiesemann, 1971); o Baniwa do Içana, da família Aruák, *numája* 'lábio', (*núma* 'boca', *ja* 'pele') (Nimuendajú, 1932). A palavra do Tupinambá para 'queixo', *-enĩbá*, também é provavelmente um composto de **-én* 'boca' e *sĩbá* 'testa, frente'; para a fonologia, compare-se T *ménĩ* 'sogra da mulher', composto de *mén* 'marido' e *sĩ* 'mãe'.

Uma outra palavra do Tupinambá em que se identifica o morfema **-én* é *okén* 'porta', certamente composta de T *ók* 'casa' e **-én* 'boca', logo 'boca da casa'. Também nesse caso a etimologia proposta para línguas da família Tupí-Guaraní encontra paralelo em outras línguas sul-americanas, como, p. ex., no Paresí, da família Aruák: *hāti kenase* 'porta', constituído por *hāti* 'casa' e *-kanase* 'boca'.

Particularmente interessante é o que ocorre na língua Parintintín (Kawahíb), também da família Tupí-Guaraní. Esta língua, que para 'boca', analogamente ao Tupinambá, tem a palavra *dzurú*, substituiu a antiga palavra *ók 'casa' por *-apéj* (oriundo do Proto-Tupí-Guaraní **tapéj* 'choça, abrigo temporário'), mas conservou o morfema *ók* nos compostos históricos *-okáj* 'casa de palha na qual o caçador espera a caça ou na qual uma pessoa com poderes ocultos chama os animais e os seres do céu' (Betts, 1981, p. 153) (PTG **-okáj*) e *okár* 'terreiro' (PTG **okár*). Por outro lado, o Parintintín tem uma palavra *oŋa* 'casa grande, barracão', que remonta ao mesmo morfema PTG **ók*, mas que provavelmente foi tomada de empréstimo a alguma outra língua da mesma família, em que se deu a nasalização de consoantes oclusivas finais de temas, como o Asuriní do Tocantins (*áŋa* 'casa'), pois em Parintintín normalmente não se dá essa nasalização (cf. P *éβag* 'céu', AdoT *éwáŋa*, PTG **éβak*; P *hakuβ* 'é quente', AdoT *hakom*, PTG **tsakúβ*; P *oŋár* 'caíu', AdoT *oŋan*, PTG **oŋár*).

Outra palavra em que o morfema PTG **ók* 'casa' sobreviveu em Parintintín é justamente o nome da 'porta', o qual também nesta língua significa 'boca da casa', mas aqui aquele morfema aparece associado não ao arcaico **én* 'boca', mas ao mais recente *dzurú*, na forma composta *odzurú* 'porta' (é normal a queda da consoante final de um morfema diante da consoante inicial de outro em palavra composta: *ók* + *dzurú* → *odzurú*).

As palavras para 'boca' variam bastante entre as diversas famílias lingüísticas do tronco Tupí. Assim na família Mondé, p. ex., tem-se *kó* em Suruí e *ko* em Gavião; na família Mundurukú, *bi* em Mundurukú; na família Arikém, Karitiána *koromo*; no Mawé (única língua em sua família) *wē*. Não é seguro que a forma *wē* do Mawé seja cognata do PTG **én*. Um cognato desta última se encontra, entretanto, nas palavras do Mawé para 'lábio' e 'saliva', *-empé* e *-entéhé*, respectivamente: *-empé* provém de

**-en* 'boca' e Mawé *pe* 'pele', portanto a mesma composição encontrada no PTG **-emé*; *-entéhé* é, ao que parece, uma forma etimologicamente redundante: *-enté* + Mawé *hé* 'suco', sendo *-enté*, por sua vez, um composto de **-en* 'boca' e *té* 'líquido'.

A forma *koromo* do Karitiána não é cognata das formas *kó* e *ko* do Suruí e do Gavião: nos cognatos entre as famílias Arikém e Mondé, ao /o/ da primeira corresponde /a/ da segunda (Karitiána *ŋo*, Gavião *aá* 'fruta') e ao /o/ da segunda corresponde /é/ na primeira (Suruí, Gavião *o-* 'eu', Karitiána *é-* 'eu'; Gavião *átóô* 'alto', Karitiána *-oté* 'grande'). Mas a correspondência fonológica regular com as palavras para 'boca' do Suruí e do Gavião aparece em Karitiána na palavra *kése* 'saliva', em que *se* é o termo Karitiána para 'líquido' e em que *ké* deve, pois, significar originalmente 'boca'. Na família Arikém reproduziu-se, portanto, o mesmo fenômeno semântico verificado na família Tupí-Guaraní: um morfema com o significado 'boca', após ter-se fixado em compostos como 'líquido da boca' para exprimir 'saliva', foi substituído por outro morfema (ou combinação de morfemas), mas sobreviveu no antigo composto para 'saliva', que assim se tornou etimologicamente independente da nova palavra para 'boca'. O mesmo provavelmente ocorreu também em Mawé:

	antigo morfema 'boca'	novo morfema 'boca'	'saliva' = 'líquido da boca'
Tupinambá	* <i>én</i>	<i>jurú</i>	<i>én+é</i>
Karitiána	* <i>ké</i>	<i>koromo</i>	<i>ké+se</i>
Mawé	* <i>en</i>	<i>wē</i>	<i>-en+té+hé</i>

5 ALÉM DO TRONCO TUPÍ

Um possível cognato não-Tupí de **en* 'boca' encontra-se numa língua da família Jê (do tronco Macro-Jê), o Kaingáng, sob

a forma *jēn*. Este morfema só ocorre preso nessa língua, num conjunto de compostos, um dos quais é a atual palavra para 'boca' (Wiesemann, 1971):

jēnkɛ 'boca' (*kɛ* 'fedido' [?])

jēnkɛn 'sapinhos na boca' (*kɛn* '?')

jēnkɔkrɛ 'mau hálito' (*kɔkrɛ* 'podre com mau cheiro')

jēnkuso 'gargarejar' (*kuso* 'lavar?'; cp. Xerénte *kupsō* 'lavar')

Assim, embora não se use mais como forma livre com esse significado, o morfema *jēn* deve ter tido antigamente o valor de 'boca'. Hoje ocorre ainda em Kaingáng uma palavra *jēn*, mas com o significado de 'comer'. Como há uma relação pragmática entre 'boca' e 'comer', é possível que se trate do mesmo morfema, agora com um sentido especializado. Mas o Kaingáng tem ainda uma outra palavra em que se pode identificar o morfema *jēn* com seu antigo significado de 'boca': *jēnkā* 'porta'. Embora Wiesemann em seu dicionário (1971) traduza *kā* como 'dentro', este morfema tem (também) o valor de 'interior', como indica seu uso com as posposições *ki* 'em', *mĩ* 'por' e *ra* 'para': *kāki* 'dentro' (i. é, 'no interior de'), *kāmĩ* '(andando) por dentro', *kāra* 'na direção de'. Conclui-se que *jēnkā* significava originalmente 'interior da boca' e deve ter-se generalizado para 'boca'. O significado de 'porta' deve ter-se originado em associação com *Fin* 'casa': *Fin jēnkā* 'boca da casa'. Posteriormente, no sentido genérico de 'boca', *jēnkā* terá sido substituído por *jēnkɛ*, cujo segundo constituinte ou é o morfema *kɛ* 'fedido', ou é um outro morfema *kɛ* de significado desconhecido.

6 CONCLUSÃO

Os casos de etimologia explorados neste ensaio mostram como é possível desenvolver estudos históricos no âmbito das línguas indígenas brasileiras. Estudos etimológicos são, por sua própria natureza, fragmentários, já que buscam reconstruir a história de elementos lexicais avulsos. Entretanto, só podem ser feitos dentro de um quadro de conhecimentos sistemáticos da fonologia, da gramática e do léxico das respectivas línguas. Por isso, só na medida em que estudos descritivos mais amplos e mais profundos das diversas línguas de uma família genética se tornam disponíveis, ao mesmo tempo em que dicionários das mesmas se fazem acessíveis, é que as investigações históricas podem desenvolver-se com segurança e com maior abrangência.

Presentemente a família lingüística Tupí-Guaraní é, daquelas cujas línguas são faladas no Brasil, a que melhores condições oferece para estudos históricos e, em particular, para investigações etimológicas. Já há estudos descritivos fonológicos e gramaticais, assim como dicionários, de várias línguas dessa família. Também há ensaios comparativos e de reconstrução fonológica e lexical do Proto-Tupí-Guaraní (Cabral, 1995 e 1996, Corrêa da Silva, 1997, Dietrich 1990a, 1990b e 1994, Jensen 1989 e 1990, Lemle 1971, Rodrigues 1944, 1945, 1958b, 1964, 1970, 1981, 1983, 1985b, 1986 e 1994, Rodrigues & Dietrich, 1997, Soares e Leite, 1991). Com isso, o estudo das línguas da família Tupí-Guaraní promete produzir um conhecimento cada vez mais integrado dos desdobramentos fonológicos, gramaticais e lexicais que acompanharam a dispersão dos povos Tupí-Guaraní através do tempo e do espaço, uma dispersão que os levou a constituir uma das famílias lingüísticas mais amplamente distribuídas na América do Sul. Com a melhor documentação e análise de línguas das outras famílias que, ao lado da Tupí-Guaraní, integram o tronco Tupí, vai-se tornando possível trabalhar na reconstrução do Proto-Tupí, a língua pré-histórica que, num tempo muito mais recuado que o do Proto-Tupí-Guaraní, teria dado origem a este e às de-

mais famílias aparentadas (Gabas Jr., 1994, Moore, 1994, Rodrigues, 1955, 1958a, 1964, 1966, 1970, 1980, 1986, Rodrigues *em publ.* 1, Rodrigues *apud* Hanke, Swadesh & Rodrigues, 1958, Rodrigues *apud* Rodrigues & Dietrich, 1997). Com respeito ao Tronco Macro-Jê e suas possíveis relações com o Tupí, pode ver-se Davis, 1968, Rodrigues, 1978a e 1985a, Rodrigues *no prelo*, Rodrigues *inédito*.

Fontes utilizadas para as línguas citadas

- Asuriní do Tocantins (Área Indígena Trocará, PA; fam. Tupí-Guaraní): Nicholson, 1982.
- Asuriní do Xingu (A. I. Koatinemo, PA; fam. Tupí-Guaraní): Edith, 1987.
- Baniwa do Içana, A. I. Içana-Aiari e Içana-Rio Negro, AM; fam. Aruák): Nimuendajú, 1932.
- Chiriguáno (sudoeste da Bolívia e norte da Argentina; fam. Tupí-Guaraní): Dietrich, 1986.
- Gavião (A. I. Igarapé Lourdes, RO; fam. Mondé): Moore, 1976.
- Guaraní Mbyá (em vários estados brasileiros — ES, RJ, SP, MS, PR, SC, RS —, no Paraguai oriental e no nordeste da Argentina; fam., Tupí-Guaraní): Dooley, 1982.
- Ka'apór (Área Indígena Alto-Turiaçu, MA; fam. Tupí-Guaraní): Kakumasu & Kakumasu, 1988.
- Kamayurá (Parque Indígena do Xingu, MT; fam. Tupí-Guaraní): Saelzer, 1976.
- Kaingáng (S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul; fam. Jê): Wiesemann, 1971.
- Karitiána (A. I. Karitiana, RO; fam. Arikém): Landin, 1983.
- Kayabí (Parque Indígena do Xingu, MT; fam. Tupí-Guaraní): Dobson, 1973.
- Mawé (A. I. Andirá-Maraú, AM/PA; família Mawé): Brandon & Graham & Graham, 1982.
- Mundurukú (A. I. Mundurukú e A.I. Saí Cinza, PA, e A. I. Coatá-Laranjal, AM; fam. Mundurukú): Strömer, 1932.

- Paresí (Reserva Indígena Pareci e A. I. Figueiras, Juinhina, Rio Formoso e Utiariti, MT; fam. Aruák): Rowan & Rowan, 1978.
- Parintintín (Áreas Indígenas Ipixuna e Nove de Janeiro, AM; fam. Tupí-Guaraní): Betts, 1981.
- Suruí (índios Paitér, A. I. Sete de Setembro, RO; fam. Mondé): Bontkes, 1978.
- Tapirapé (A. I. Tapirapé/Karajá e Urubu Branco, MT; fam. Tupí-Guaraní): Almeida et al., 1983.
- Tembé (A. I. Alto Rio Guamá e Turiaçu-Mariquita, PA, e Alto Turiaçu, MA; fam. Tupí-Guaraní): Boudin, 1966.
- Tuparí: (A. I. Rio Branco e Rio Guaporé, RO; fam. Tuparí): Caspar, 1957.
- Tupinambá (costa brasileira, séculos XVI e XVII; fam. Tupí-Guaraní): Vocabulário..., 1953.
- Wayampí (Área Indígena Waiãpi, AP, e Guiana Francesa; fam. Tupí-Guaraní): Grenand, 1978.
- Xerente (A. I. Xerente, TO; fam. Jê): Mattos, 1973.
- Xetá (noroeste do Paraná; fam. Tupí-Guaraní): Rodrigues, 1978b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. et al. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprógrfica Xerox, 1983.
- ARAÚJO, Antônio de. *Catecismo na Lingoa Brasilica*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618.
- BETTS, L. *Dicionário Parintintín-Português, Português-Parintintín*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- BONTKES, W. *Dicionário preliminar Suruí-Português, Português-Suruí. Edição preliminar*. Porto Velho: Summer Institute of Linguistics, 1978.
- BOUDIN, M. *Dicionário de Tupi moderno (dialeto tembé-tênêthar do alto rio Gurupi)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.
- BRANDON, F. R., GRAHAM, A., GRAHAM, S. *Dicionário Sateré-Português, Português-Sateré. Versão experimental 1. Arquivo Lingüístico*. Brasília: Instituto Lingüístico, 1982.

- CABRAL, Ana Suelly A. C., *Contact Induced Change in Western Amazon: the Non-Genetic Origin of the Kokama Language*. Pittsburgh, PA, E.U.A., 1995. Tese (Doutorado), University of Pittsburgh.
- _____. Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. *Moara: Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA*. Belém, n. 4, p. 47-76, out. 1995/mar.1996.
- CASPAR, F. *Tupari-deutsches Vokabular*. Ms, extrato com A. D. Rodrigues, 1957.
- CORRÊA DA SILVA, B. C. *Urubú-Ka'apór, da gramática à história: a trajetória de um povo*. Brasília, 1997. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília.
- DAVIS, I. Some Macro-Jê Relationships. *International Journal of American Linguistics*. Baltimore, n. 34, p. 42-7, 1968. (Reimpresso em: KLEIN, H. E. M., STARK, L. R. (org.). *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, 1985, p. 286-303.
- DIETRICH, W. *El idioma chiriguano: gramática, textos, vocabulario*. Madri: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.
- _____. *More Evidence for an Internal Classification of Tupí-Guaraní Languages*. Berlim: Gebr. Mann Verlag., 1990a. (Série Indiana, v. 12)
- _____. Chiriguano and Guarayo Word Formation. In: PAYNE, D. L. (org.). *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990b, p. 293-320.
- _____. Word Formation, Syntax, or Noun Classification? Tupí-Guaraní *mba'é* — between Lexicon and Grammar?. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*. Lima, n. 8, p. 109-24, 1994.
- DOBSON, R. *Notas sobre substantivos do Kayabí*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1973, p. 30-56. (Série Lingüística, 1)
- DOOLEY, R. A. *Vocabulário do Guaraní*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982.
- GABAS JR., N. O sistema pronominal de marcação de pessoa na língua Káro (Arara de Rondônia). *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*. Lima, n. 8, p. 135-50, 1994.

- GRENAND, F. *Dictionnaire Wayãpi-Français, Lexique Français-Wayãpi (Guyane Française)*. Paris: Peeters/SELAFF, 1989.
- HANKE, W., SWADESH, M., RODRIGUES, A. D. Notas de fonologia Mekens. In: COMAS, J. (org.). *Miscelanea Paul Rivet octogenario dicata*. México, n. 2, p. 187-217, 1958.
- IRMÃZINHA EDITH. *Dicionário experimental Asurini do Koatinemo*. Belém, 1987.
- JENSEN, C. J. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampí*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. Cross-Referencing Changes in Some Tupí-Guarani Languages. In: PAYNE, D. L. (org.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 117-58.
- KAKUMASU, J. Y., KAKUMASU, K. *Dicionário por tópicos Urubú-Kaapor—Português*. Brasília: Fundação Nacional do Índio/ Summer Institute of Linguistics, 1988.
- LANDIN, D. *Dicionário e léxico Karitiána-Português*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1983.
- LEMLE, M. Internal Classification of the Tupí-Guaraní Linguistic Family. In: BENDOR-SAMUEL, D. (org.). *Tupí Studies I*. Oklahoma: Summer Institute of Linguistics, 1971, p. 107-29.
- MATTOS, R. de. *Fonêmica Xerénte*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1973, p. 79-100 (Série Lingüística, 1)
- MOORE, D. Dados preliminares da língua dos índios Gavião do Território de Rondônia, Brasil. Ms., Graduate Center, City University of New York, 1976.
- _____. A Few Aspects of Comparative Tupí Syntax. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*. Lima, n. 8, p. 151-62, 1994.
- NICHOLSON, V. *Breve estudo da língua Asurini do Xingu*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982. (Série Ensaios Lingüísticos, 5)
- NIMUENDAJÚ, C. Vocabulários indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*. Tucumán, n. 2, p. 543-618, 1932.
- OLSON, R. *Dicionário por tópicos nas línguas Oiampí (Wajapí)-Português*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978. (Ensaios Lingüísticos, 2)
- RODRIGUES, A. D. Um aspecto da evolução fonética na família Tupí-Guaraní. *Revista Filológica*. Rio de Janeiro, n. 29, p. 74-7, 1944.

- _____. Diferenças fonéticas entre o Tupí e o Guaraní. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, n. 4, p. 333-54, 1945.
- _____. As línguas 'impuras' da família Tupí-Guaraní. In: Congresso Internacional de Americanistas, 31, 1955, São Paulo. BALDUS, H. (org.). *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, 1955, p. 1055-71.
- _____. Die Klassifikation des Tupí-Sprachstammes. In: International Congress of Americanists, 32, 1958, Copenhagen. *Proceedings of the 32nd International Congress of Americanists*, Copenhagen: Munskgaard, 1958a, p. 679-84.
- _____. Classification of Tupí-Guaraní. *International Journal of American Linguistics*. Baltimore, n. 24, p. 231-34, 1958b.
- _____. Classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 12, p. 99-104, 1964.
- _____. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 14, p. 27-30, 1966.
- _____. Línguas ameríndias. *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse, 1970, p. 4034-36
- _____. Kaingáng e Tupinambá: evidências de relações genéticas Jê-Tupí? Mimeo. Reunião Brasileira de Antropologia, 11, 1978a, Recife.
- _____. A língua dos índios Xetá como dialeto do Guaraní. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 1, p. 7-11, 1978b.
- _____. Tupinambá e Mundurukú: evidências fonológicas e lexicais de parentesco genético. *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)*. Araraquara, n. 3, p. 194-209, 1980.
- _____. Abertura e ressonância. *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)*. Araraquara, n. 4, p. 324-33, 1981.
- _____. Evidência tupí-guaraní para *pw > kw. *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)*. São Paulo, n. 7, p. 1-9, 1983.
- _____. Evidences for Tupí-Karíb Relationships. In: KLEIN, H. E. M., STARK, L. R. (org.). *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, 1985a, p. 371-404
- _____. Relações internas na família Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 27/28, p. 33-53, 1985b.
- _____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

- _____. Oposición conceptual y analogía fonológica en Guaraní: "casa" y "chacra". *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen*. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, Universidad de Buenos Aires, 1994, p. 325-29.
- _____. Tupí. In: DIXON, R. M. W., AIKHENVALD, A. I. (org.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. *No prelo*.
- _____. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W., AIKHENVALD, A. I. (org.). *Amazonian Languages*. Cambridge University Press. *No prelo*.
- _____. 'A Case of Grammatical Affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê'. *Inédito*.
- _____, DIETRICH, W. On the Linguistic Relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. *Diachronica*. Amsterdam, v. 14, n. 2, p. 265-304, 1997.
- ROWAN, O., ROWAN, P. *Dicionário Parecis-Português, Português-Parecis*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.
- SAELZER, Meinke. Fonologia provisória da língua Kamayurá. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1976, p. 131-70. (*Série Lingüística*, 5)
- SOARES, M. F., LEITE, Y. Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: a typological approach. In: KEY, M. R. (org.). *Language Change in South American Indian Languages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991, p. 36-53.
- STRÖMER, C. *Die Sprache der Mundurukú*. Mödling bei Wien: Anthropos Linguistische Bibliothek, 1932, v. 11.
- VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA. 2. ed., por C. Drumond. São Paulo: USP, 1952, v. 1; 1953, v. 2. (*Série Boletim de Etnografia e Tupi-Guarani*)
- WIESEMANN, U. *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1971.